

## LEOLINDA DALTRO

**MENEZHINI, Bruna.** Leolinda Daltro: educadora, feminista e indigenista. Ada, 2019. Disponível em: <https://medium.com/conceito-ada/a-pioneira-no-feminismo-brasileiro-leolinda-daltro-486029dbe682> . Acesso em: 16 fev. 2021.

**BESSE, S.** Restructuring; CONS. NAC. DIREITOS MULHER. A Mulher e a Constituinte; GAGLIARDI, J. O indígena; HAHNER, J. Mulher; Ilustração Brasileira (v.12, n.2, jun. 1935). Uma Precursora; Jornal do Brasil (26/9/1918, 3/10/1918). Carlos de Laet; Mulher: opinião feminina organizada, maio/jun, 1935; TELLES, N. Medéia.

Kárita Ferraz das Chagas, Professora de Língua Portuguesa – IDEAL, Brasília. 2021.

A história é sobre Leolinda Figueiredo Daltro, nascida na Bahia, em 14 de julho de 1859. Mas apesar do encanto da cidade onde nasceu, viveu a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, no bairro de Cascadura. Foi revolucionária inclusive na vida pessoal, pois apesar de ter tido cinco filhos, teve coragem de construir essa jornada longe do marido, que era separada.

Leolinda Daltro foi criadora do primeiro Partido Feminino Brasileiro. Mas sua grande sede de atuação, mesmo em uma época tão mesquinha quanto o florescimento de ideias femininas, a fez também ser professora; sufragista e ativista pelos direitos indígenas. A sua grande força foi lutar pela independência e direitos femininos, ainda no século XIX. Foi uma passagem centenária marcada por muitas transformações e destaques de mulheres ilustres.

Ainda nos anos derradeiros desse século, grandes transformações de poder aconteceram no Brasil. O então atual presidente Juscelino Kubitschek tinha o plano de transferência da Capital do país do Rio de Janeiro para Brasília, usando como propaganda para uma campanha moderna e nacionalista, como incentivo para a aceitação da população ao governo. Sendo movida por fortes influências: a pressão popular sobre o governo seria menor, também não estariam tão vulneráveis em caso de guerra. Assim, o foco havia sido direcionado para as novas invenções que estariam se construindo na sede

do Distrito Federal; já previstas na Constituição desde 1891. Dultra acompanhou as mudanças do país com paciência, aproveitando as brechas da atual Constituição, pedindo seu alistamento eleitoral. Ainda que tenha sido recusado, poucos anos depois Leolinda iniciaria um projeto promissor, que desbravaria as bases dos direitos, principalmente femininos.

Dedicou sua vida ao propósito em que se propôs: transformar as estruturas da sociedade que eram dominadas pelos homens, através da educação e luta pela igualdade entre todos. Assim, ganhou destaque por também levantar esforços pelos direitos dos povos indígenas, pois acreditava que a alfabetização e educação laica, ou seja, livres das amarras religiosas, seria o movimento de acolhimento dos indígenas à sociedade. O ponto de partida para que essa revolução acontecesse foi em 1896, quando iniciou um projeto que percorreu o interior do Brasil, levando o ensino às tribos indígenas, sem que a igreja tivesse influência.

“ia pelo viés da educação e essa era a sua prática como professora, como indigenista e como feminista. Reforçava a importância civilizadora da mulher e mostrava preocupação com a sobrevivência das mesmas”. (Abreu, 2007, p. 18)

Já no Triângulo Mineiro, passou por muitos lugares, inclusive Araguari, cidade vizinha; que foi o ponto de partida dessa longa viagem pelos sertões do Goiás. Também passou pelas bordas do Maranhão e do Pará. Muitas foram as suas descobertas nesses sertões. Enfrentou, inclusive, forte resistência ao seu projeto, pois a acomodação dos índios à sociedade afetava os dois importantes pilares de poder local do Brasil, que sustentavam essa estrutura que falamos anteriormente, dominada por homens e seus princípios egoístas: a igreja e os donos de terras; já no final do século XIX. Suas andanças pelas tribos se encerraram cedo, em 1897; pois havia outros planos a serem tirados do papel. Voltando a morar no Rio de Janeiro, fundou o Grêmio Patriótico Leolinda Daltro, com o intuito de defender o ensino aos índios sem a interferência da igreja.

A sua coragem chegou a longes lugares, ficou conhecida, em 1910, como *a mulher do diabo*. Afinal, além de ir contra o ensino da igreja, era uma mulher separada, ou seja, não era acompanhada por um homem. Ativa na

política, caminhando em ambientes até então apenas masculinos. Uma de suas principais bandeiras era de que a transformação viria pela educação, levando o saber a outras mulheres, indígenas e demais grupos oprimidos, para que lutassem pelos seus próprios direitos. Incluindo o voto feminino, que não era visto com bons olhos pela sociedade católica e masculina. Nesse mesmo ano, fundou o Partido Republicano Feminino. As integrantes do partido realizavam passeatas, protestos e muito barulho. Solicitavam audiências e participavam de atos importantes do Plenário, pressionando para que as leis fossem criadas com base na igualdade de direitos. Com suas latas rente ao peito, batucavam até que fossem ouvidas. E após discursarem, se despediam, mas não sem antes deixarem sua marca de presença, onde a voz feminina tivesse transformado as conversas e objetivos ali discutidos.

Nos famosos comícios, que eram grandes festas, onde se apresentavam figuras ilustres, a saber; as que mais atuavam no cenário político e cultural, como os grupos de mídia — jornalistas —, as representantes femininas marcavam sua presença carregando latinhas em mãos, e não as paravam de bater até que a palavra fosse concedida. Subiam nas latas como em pedestais, e protestavam pelas mulheres, e o programa do Partido Republicano Feminino:

“Como mulher que sou, com um sentido superior de altruísmo, tenho me preocupado com a necessidade de minorar o sofrimento humano e de se atingir uma melhor distribuição da Justiça.” — Leolinda Figueiredo Daltro, em entrevista à Revista Feminina.

Leolinda foi uma mulher muito ousada, e mesmo que não tivesse direitos políticos, em 1916, Daltro enviou um requerimento solicitando direito ao voto feminino, e mesmo que tenha sido negado, causou grande movimentação do assunto; trazendo mais espaço para que se pensasse sobre os lugares que as mulheres ainda não podiam participar. Os frutos desse aparente ato inocente a fez se lançar como a primeira candidata brasileira às eleições municipais do Distrito Federal, em 1919. E precisou de muita força para que defendesse em seu governo pautas como as desigualdades sociais entre raça e gênero, e seus direitos civis. Assim como os abismos que se estendiam quanto a miséria de alguns povos. Leolinda quis deixar a sua trajetória registrada, e por isso reuniu seus últimos registros das suas andanças pelos sertões do país em um livro, que foi publicada pela tipografia da Escola Orsina da Fonseca. A obra carregou

o título *Da catequese dos índios do Brasil (notícias e documentos para a história)*. Um pulo na linha do tempo, já em 1927, o *Jornal Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, lembrou a importância das realizações de uma das mulheres mais marcantes na história do Brasil:

“Se fossemos escrever a história do feminismo no Brasil, certamente que não esqueceríamos a nossa sufragista, (...) que foi a pioneira, a esquecida Sra. Leolinda Daltro, professora, desbravadora das nossas selvas, criadora de escolas profissionais, fundadora da primeira escola de enfermeiras no Brasil, organizadora do primeiro partido republicano feminino! Por ser um tanto exaltada, pobre, velha, enferma, quase ninguém a nomeia. Está esquecida.”

O grande propósito que fez Leolinda começar sua jornada era o desejo de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Mesmo atravessando a sua 7ª década de vida, já com 74 anos; haviam outras conquistas a serem percorridas. Em 1934 tenta uma vaga no Parlamento, e sua candidatura reafirmava sua luta já conhecida. O seu grande papel nesse teatro de transição de séculos, foi de espalhar a semente que mais a frente floresceria no crescimento do movimento sufragista, que foi a junção de mulheres de todo o país em prol dos direitos femininos, principalmente ao voto.

“Teve ela que lutar contra a pior das armas de que se serviam os adversários da mulher: o ridículo. Talvez isto a houvesse magoado profundamente tanto que se afastou das lides feministas. Mas a sua obra patriótica não parou aí: dedicou-se à obra da alfabetização no meio desses milhões de analfabetos, nela consumindo a sua velhice”. - Revista Mulher 1935.

Que Leolinda Fonseca Daltro seja reconhecida, aplaudida e agradecida pelas inconstantes lutas travadas em prol de causas tão importantes ainda nos tempos atuais: educação livre de crenças religiosas, seja ela qual for; e acima de tudo que seja igual para todos, em sua qualidade e acesso. Que os direitos femininos uma vez conquistados, não sejam desistentes em sua continuidade e conquista. E aos povos que tem por direito o solo nacional, os povos indígenas, com legítimo e tardio direito de estar acolhidos em seu país, não como vítimas, mas como descobridores dessa terra. Leolinda Daltro foi a porta para que esses diálogos enfim se abrissem, e que jamais se fechem, outra vez.

